

A SISTEMÁTICA DO RACISMO E DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DA CONSCIÊNCIA E MEMÓRIA DE RESISTÊNCIA EM POEMAS DE AROLDA FIGUERÊDO E ELIZA METZKER

Aline Santos de Brito Nascimento¹
Juciene Silva de Sousa Nascimento²

Resumo: Esta pesquisa se deu a partir de estudos e discussões no Grupo de Estudos de Vida e Obra de Negros e Negras na Contemporaneidade – GEVONC, nos quais reverberamos a (re)afirmação e (re)significação da identidade negra na contemporaneidade sob olhares categóricos sobre racismo, branqueamento e democracia racial, considerando o processo de consciência e memória como elementos propulsores de superação desse racismo imbricado na vivência sociopolítica e cultural brasileira. Para esse momento, delineamos como objetivo principal reconhecer como a afirmação e ressignificação da identidade negra, na contemporaneidade, se manifesta nas representações metafóricas dos poemas de Arolda Maria Figuerêdo e Eliza Metzker, em que desempenham papéis político-sociais relevantes, sobretudo nos espaços citadinos. A pesquisa é bibliográfica e de caráter qualitativo, na qual se propôs um estudo de caso, através da análise de narrativas de episódios de uma vivência afro-brasileira, em diálogo com estudo bibliográfico de epistemologias pós e decolonialistas de autores, como Francisco Bethencourt (2018), Nilma L. Gomes (2007), Lélia Gonzalez (2020), Frantz Fanon (2020), Kabengele Munanga (2016) e Abdias Nascimento (2016 e 2019). Aqui, consideramos que, apesar dos processos

negativos nos quais os sujeitos negros foram colocados em condição de vítimas de diversas violências históricas, é possível (re)afirmar e (re)significar representações positivas, em que negros e negras desempenham papéis político-sociais relevantes, sobretudo nos espaços citadinos.

Palavras-chave: Racismo; Consciência; Vivência Negra; (Re)significação.

Considerações iniciais

A proposta temática deste trabalho discute a (re)afirmação e (re)significação da identidade negra na contemporaneidade sob olhares categóricos sobre racismo,

1 Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutora em Letras - Literatura pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestra em Cultura e Turismo (UESC/UFBA). Especialista em Literaturas de Língua Portuguesa (UESC). Licenciada em Letras e Artes (UESC). E-mail: abnascimento@uneb.br

2 Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/ Campus X). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestra em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Adventista da Bahia (FADBA). Graduada em Letras com Espanhol pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: jssnascimento@uneb.br

branqueamento e democracia racial, considerando o processo de consciência e memória como elementos propulsores de superação desse racismo imbricado na vivência sociopolítica e cultural brasileira. Tais reflexões se justificam a partir das demonstrações de práticas racistas no curso do tempo, bem como a insistência desse fenômeno na contemporaneidade sob nova roupagem, em decorrência de resquícios da identidade colonizadora forjada por intermédio de práticas violentas de cunho físico, mental, cultural e social por um grupo hegemônico que insiste em manter-se em lugar privilegiado através da manipulação do indivíduo negro instrumentalizado pela negação psíquica de seu ser e estar nas relações sociais dos países colonizados.

A pesquisa se baseia na ideia de que o movimento dialético de consciência-exclusão e memória-inclusão, em que o racismo infere suas práticas, quer sejam objetivas-factuais ou subjetivas-veladas “nas práticas que configuraram as sociedades de origem latina prevaleceram (e ainda prevalecem) ideologias da miscigenação, da assimilação e da democracia racial, cujas especificidades alicerçam o racismo [...]” (BOTTON; NASCIMENTO, 2021, p. 143).

Nesse sentido, traçamos uma discussão teórico-metodológica sobre a sistemática do racismo e democracia racial a fim de auxiliar a compreensão de como os elementos que sustentaram e sustentam tal fenômeno servem de pontos de partida para a consciência do sujeito negro, mediante a evocação da memória, para a (re)afirmação e (re)significação da identidade negra na contemporaneidade. Para este estudo, lançamos mão de uma pesquisa qualitativa, na qual elegemos o cunho documental como tipologia metodológica para as análises de poemas de autoras regionais, cujos termos metaforizados são provenientes do exame de suas vivências e lugar no mundo. Ademais, também ancoramos nossos estudos em aparatos epistemológicos pós e decoloniais, veiculados em discussões do Grupo de Estudos em Vida e Obra de Negros e Negras na Contemporaneidade – GEVONC (PPGL/UNEB), através de autores, como Francisco Bethencourt (2018), Nilma L. Gomes (2007), Lélia Gonzalez (2020), Kabengele Munanga (2016) e Abdias Nascimento (2016 e 2019).

Os itens foram organizados sistematicamente, em uma cadência discursiva, na qual, no primeiro item, são reverberados os liames da sistemática do racismo e da democracia racial. No segundo, discutimos o racismo estrutural como fio condutor da denegação psíquica negra; e, no terceiro item, consideramos os elementos de consciência e memória de resistência em poemas de Arolda Figuerêdo e Eliza Metzker, mediante análises de poemas que evidenciam processos de afirmação identitária em suas experiências.

Nesta pesquisa, inferimos que, apesar dos processos negativos nos quais os sujeitos negros foram colocados em condição de vítimas de diversas violências históricas, é possível (re)afirmar e (re)significar representações positivas, em que negros e negras desempenham papéis político-sociais relevantes, sobretudo nos espaços citadinos.

1 Os liames da sistemática do racismo e da democracia racial

Oriunda da ideologia do branqueamento, a democracia racial no Brasil tem sustentado práticas abusivas, cujas inserções se ocupam em manter o negro em lugares de subalternidade, sob o contraditório de que existe uma convivência pacífica entre as raças neste Estado Federativo. No entanto, o espaço da supremacia é sempre ocupado pelo branco, pela figura proveniente dos resquícios colonizadores. Caso haja a reivindicação desses espaços, a tensão criada por tal atitude gera a inevitável culpabilidade sobre aquele sujeito, a de causar desordem naquilo que funcionava “harmoniosamente”.

Ante a isso,

Devemos compreender “democracia racial” como significado a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o *apartheid* na África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país (NASCIMENTO, 2016, p. 111).

Dessa forma, o racismo, no Brasil, constitui-se numa problemática dialética factual, que origina mitos, discussões binárias e alicerça discursos excludentes, bem como apresenta características da real “neurose cultural brasileira”, cujos efeitos são reais, envolvendo as noções de consciência e de memória, em que naquela estão envolvidos elementos como desconhecimento, encobrimento, alienação, esquecimento e saber, enquanto nesta estão envolvidos fatores como o não-saber que conhece; lugar de inscrição que constituem uma história não escrita; lugar da emergência da verdade, sobretudo dessa verdade que consideram ficcional (GONZÁLEZ, 2020). É nesse movimento dialético de consciência-exclusão e memória-inclusão que o racismo infere suas práticas, quer sejam objetivo-factuais ou subjetivo-veladas.

As diversas matizes com que o racismo toma forma impulsionam a formação de diferentes características identitárias em suas vítimas. Sobre o tema, Castells (2002) propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: identidade legitimadora, introduzida pelas instituições dominantes (a exemplo das ações colonizadoras); identidade de resistência, criada por atores que se encontram em posições desvalorizadas ou estigmatizada pela lógica de dominação (como acontece com aqueles que sofrem ações racistas); e identidade de projeto, quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade (o que normalmente pode ser observado na ações posteriores daqueles que passam pelo processo de resistência).

2 O racismo estrutural como fio condutor da denegação psíquica negra

O estudo sobre racismo estrutural, embora muito evocado na atualidade, a fim de discutir o caráter identitário negro, confrontando-o com a noção de racismo em termos epistemológicos, ainda é um campo de estudo amplo, de inúmeras possibilidades e descobertas, haja vista seu caráter cronológico e as várias faces com que vem se adaptando a diferentes sociedades no curso do tempo.

Aqui, para se discutir racismo, faz-se necessário lembrar que a identidade negra, em termos conceituais, é concebida “como uma construção social, histórica, cultural e plural, [que] implica a construção do olhar de um grupo étnico-racial ou de sujeitos que pertencem ao mesmo grupo, sobre si, a partir da relação com o outro” (GOMES, 2007, p. 45). Nessa perspectiva, considerando as discussões anteriores, a identidade racial do negro, sendo concebida desde a infância, se depara com o que são sem se envergonharem disso; contudo, à medida em que vão estabelecendo as interações e relações no âmago da sociedade, as percepções do mito da supremacia branca, legitimada por leis, projetos políticos, bem como seu caráter puramente formalista na engrenagem social, produz a ilusão de que todos são iguais perante a lei, mas, na prática, os fenômenos diários não evidenciam tal proposição. Então, essa percepção, conseqüentemente, produz a fragmentação da identidade racial negra, surtindo como efeito o desejo de embranquecer (GONZÁLEZ, 2020).

A fim de entendermos melhor o fenômeno do racismo por denegação, é preciso antes retomar o pensamento da teoria das raças, cuja proposição esclarece que

[...] o termo ‘raça’ adquiriu um *status* científico que contribuiu para resumir as diferenças: acreditava-se que as características fenotípicas desafiavam a influência das circunstâncias externas, ao passo que as capacidades morais e intelectuais estavam inextricavelmente ligadas à aparência física.

[...] o desenvolvimento das várias teorias de raças concorrentes [se desenvolviam] mediante a análise dos autores mais influentes; a forma como os seres humanos se posicionava em relação aos outros animais; e o modo como a variedade dos seres humanos foi definida, cristalizada e organizada hierarquicamente (BETHENCOURT, 2018, p. 343).

Cabe inferir que a sustentação político-científica de tal categorização gerou, no curso da história, a movimentação de uma disputa pela hegemonia e pelo monopólio de recursos econômicos em relação a uma minoria, a qual se ocupava em conseguir e manter sua liberdade, para, então, lograr independência existencial, bem como de suas ações como pertencente a uma ordem social. Enquanto isso acontecia, as fronteiras econômicas, sociais e políticas se dilatavam cada vez mais, expulsando essa minoria das mínimas possibilidades de inclusão, sendo discriminada e segregada em decorrência da força basilar da consideração político-científica

do que se entendia por “raça”. Dessa forma, a sustentabilidade das ações, para a supremacia branca, pode ser esclarecida mediante o pensamento de que

O racismo precedeu a teoria das raças, mas a inclusão numa estrutura científica de preconceitos novos e antigos relacionados com a ascendência étnica acentuou a ação discriminatória, uma vez que cristalizou os preconceitos étnicos, atribuindo-lhes um *status* de conhecimento superior (BETHENCOURT, 2018, p. 501).

A complexidade secular do entendimento desse fenômeno cria e recria tensões que circundam as diversas relações entre grupos, povos, bem como diversas sociedades, influenciando nas práticas sociais e se revelando nas mais diversas formas, o que nos alerta para uma observação acurada dessas questões. Nesse sentido, é preciso ter clareza para considerar que “o racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais [...]. Ele é o resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 179).

Dito isso, a problemática da percepção do racismo sofrido pelos indivíduos negros secularmente nos leva ao entendimento do desejo de branquear-se através da denegação, categoria freudiana, a qual nos auxilia na compreensão do pensamento da formação do inconsciente na identidade negra na contemporaneidade.

Ao considerar tal categoria, é possível compreender que o recalque agressivo do branqueamento recolheu tudo aquilo que caracteriza a cultura díspar da hegemônica como “popular”, “folclorizada” e “fetichizada” por tantas outras nações, criando figuras e mitos em torno daquilo que configura uma identidade racial com fins de apagamento do outro, causando o *não-ser* em detrimento de um *ser-pertencer* paradoxal. Assim, nas sociedades de origem latina, a presença do racismo disfarçado, chamado racismo por denegação pela militante e intelectual Lélia González (2020, p. 130), é latente, no qual “prevalecem as ‘teorias’ da miscigenação, da assimilação e da ‘democracia racial’”, ademais sustenta projetos políticos e sustentações veladas de exclusão socioeconômica, dando continuidade ao racismo estrutural presentificado no bojo da sociedade brasileira.

3 Consciência e memória de resistência em poemas de Arolda Figuerêdo e Eliza Metzker

O processo de construção da identidade racial na contemporaneidade tem causado reflexões de si, nas quais os indivíduos pertencentes ao bojo da luta racial se veem imersos no exercício da racionalização de suas existências. Nesse sentido, o exame da consciência e o resgate da memória, cujos elementos dialogizam características da assunção da pertença racial com os impactos psíquicos das ações dizimadoras do período colonial sobre a população negra, evoca a

memória para converter em substância o processo cronológico de luta e afirmação identitária negra.

É nesse sentido que elegemos duas poetisas regionais negras, moradoras do município de Teixeira de Freitas, na Bahia, em que os indicativos metafóricos utilizados em suas produções nos apontam os liames do racismo, branqueamento e democracia racial no curso de suas existências, bem como a ressignificação desses elementos ganha corpo na evidência de suas produções.

Arolda Maria Figuerêdo nasceu em Caravelas – BA, mas tem uma história de vida que faz um passeio por vilas e cidades grandes, escolas e universidades, perdas e vitórias. Mesmo aprendendo a administrar e a gerir, firmou a paixão pelas letras na Licenciatura, concedida pela Universidade do Estado da Bahia. Entre tantos cursos e incursos, destacam-se as cinco especializações, que ajudaram a consolidar a vasta experiência em Letras e Educação. Ao dissertar sobre literatura e cidade, oficializa o título de mestre. A professora Arolda ensinou e aprendeu a todas as idades, e assim continua voltando à UNEB, onde fortalece a formação literária e docente no ensino superior. Sua obra poética traz a mulher negra como mote, demonstrando que a iniciativa da publicação de tal obra seja um ato de resistência, posto que publicar hoje, poesia, sobre a mulher e sobre a mulher negra é uma ação de uma mulher negra mãe insubmissa, que se rebela face às intempéries que se sobressaem contemporaneamente (NASCIMENTO, 2021).

Já Eliza Metzker, uma jovem de 24 anos, também nascida em Caravelas – BA, se autodescreve como mulher, negra, baiana e poeta *slammer*, elementos que para a autora atravessam de forma cruel sua trajetória pelas subjetividades históricas, sociais, culturais e ideológicas que perpassaram suas origens. No entanto, tais peculiaridades, no curso do tempo, foram se substancializando em resistência. É escritora desde tenra idade, atuando, também, no cenário urbano desde 2019 com sua poesia de protesto, performando artisticamente com a finalidade de provocar tensão nas estruturas racistas e (re)afirmar e (res)significar a existência do sujeito negro, mediante desconstruções de elementos neocolonialistas e/ou racistas na contemporaneidade.

As reflexões em torno da obra *Uma pitada de poesia de mulher* (2021) permitem observar o tema da consciência e da memória de resistência nos poemas de Arolda Figuerêdo. Em sua essência, a obra carrega uma memória coletiva que se espelha em versos, e uma memória afetiva, que transcende o eu e se torna o nós. O engajamento de seus versos, suas estrofes e seus poemas se manifesta em ousados chamamentos à inconformidade e à subversão.

Num interessante acróstico intitulado “O papel da negra na sociedade brasileira” (FIGUERÊDO, 2021, p. 40), a autora homenageia aqueles que se tornaram suas referências de construção da consciência e da noção de resistência, como Luiz Gama, José do Patrocínio, Afonso Arinos e Abdias do Nascimento.

Ontem eu era livre andante, no meu torrão natal.

Portadora de cultura rica e variada.
Abruptamente fui arrancada do meu alicerce
Perseguida e amputada das minhas raízes,
Escravizada, açoitada, deportada, violentada,
Longe... além mar, me impuseram morar.

Do olhar perdido na imensidão,
Avistei as correntes, minhas irmãs e o porão...

Naveguei comedida, amontoada, despojada de brios
Ergui os olhos ao onipotente a indagar: - Sou menos filha?
Gáudio não tive jamais. Onde ficou o meu habitat?
Rei dos reis, de onde vem a minha culpa?
Alço a ti a minha súplica?!!!

Na ânsia e na dor
Aportei em novo lar, lar?

Sê antes purgatório.
Onde oscilei ao peso das correntes
Caí, levantei para novamente cair
Inventei uma nova forma de me equilibrar
Engenho, casa grande, senzala...
Dei meu sangue, meu leite, minha força, meu suor...
Ais, saudades...
Dias, noites, anos, séculos: quanta luta quanta dor,
Esperei a resposta do consolador.

Bravamente vi uma luz no fim do túnel
Resolvi me organizar
Abri as asas da esperança, e projetei um revoar
Segui em pencas e bandos aos Palmares
Ignorei o medo, me fiz forte em Dandara e Main
Levantei a bandeira, enfrentei, combati
Expurguei em Gama, Patrocínio, Arinos e Abdias; expeditos filhos de
mulheres negras.
Inevitável foi a chamada Abolição, entretanto, Brasil, fui e sou sua viga
mestra.
Reguei tua horta e teu engenho com suor e sangue, leite e lágrimas.
Agora sou “livre”, não para voar, aprisionada estou nos teus preconceitos,
na tua ingratidão. Por esta indenização, decidi aquilombar e revidar.

Aqui se nota o processo de construção da consciência e a valorização da memória como fios condutores da formação de ações de resistência, apesar do projeto de propagação do desconhecimento, do encobrimento e da alienação, para o qual González (2020) chama a atenção como fortemente presente na sociedade brasileira. A memória é evocada como forma de marcar um passado de mazelas, regado a “suor e sangue”, mas que tem na não aceitação dessa realidade um traço de resistência, na decisão de “aquilombar[-se] e revidar”.

As tessituras que na obra se alinham suscitam reflexões sobre o que é ser mulher e refletem também a sororidade da autora, que, ao pensar nas outras mulheres, ao reconhecer os seus espaços, faz um chamamento à luta para que isso se consolide. Nesse sentido, como diz o poema “Ser negra” (FIGUERÊDO, 2021, p. 23), a obra é “pé no chão”, e trata do ser negra, com toda a carga histórica e os traços fenotípicos que a etnia traz; além desse aspecto, o poema representa o ser preta, com toda a imagem que a cor revela e a interpretação que o outro tem dela; com o que aparece e o que aparenta; com o que é.

Ser negra é não ter mancha de pele
Não ter queda de cabelo
Não ter preguiça
Não ter tristeza
Não ter medo
Não ter cor
Não se contentar com migalhas
E possuir sentimentos nobres

Ser negra é ter alegria
É ter cultura
É ter sangue universal
É ter dentes alvos e saudáveis
É ter sorriso largo e franco
É ter um grande coração

Ser negra é sentir saudade
É sentir vontade de crescer
É sentir orgulho, ser.
É sentir prazer com a carícia dos ventos
E o aroma das flores

Ser negra é ser grande
É ser bela
É ser forte
É ser desbravadora
É ser destemida

É ser humana
É ser poeta
É ser capaz de buscar na dor
Uma razão e uma lição de amor
É apaixonar-se
É ser ombro, amiga.

Ser negra é ser e dar apoio
É construir nações
É amor ao próximo
É ser solidária
É ser mãe
É ser irmã
Mãe solo

Ser negra é beleza em flor
É pé no chão
É povo
É campo
É tecnologia
É progresso
É construção
É ser trabalhadora
Enfim é ser viga mestra
É vida, então.

Em oposição à forma depreciativa como a sociedade racista recorrentemente se refere à pessoa negra, em suas características físicas e comportamentais, o poema salienta qualidades no plano do favorável à sua valorização, destacando orgulho, força, grandeza, destemor, beleza. O poema, pois, destaca uma forma de combate à cristalização de preconceitos étnicos, conforme examina Bethencourt (2018).

Os versos dessa artista também se apresentam abordando o ser mãe, traduzindo em poesia a glória e a luta que a aventura da maternidade pode trazer. No poema “Amor de Mãe” (FIGUERÊDO, 2021, p. 35), percebe-se o tom de protesto ao racismo estrutural presente na sociedade, questionando a diferença da aplicação da lei e a intolerância que um filho preto pode sofrer.

Na contemporaneidade da vida
Das ricas nuances do feminino
O direito de ser mulher
Em plenitude
É ainda para poucas
Soberana oportunidade.

Ser mulher é reverberante
Mas, exercer a maternidade,
Tem se tornado um fardo,
Verdadeira queda de braço.

Já que no conturbado mundo
Midiático e tecnológico
Não há espaço para a perda
De tempo com o amor.

Agora o amor é líquido,
As relações são fluidas
E escorrem por entre os dedos.

Então o exercício da maternidade,
Da feminilidade plena
Perpassa por atividades e afetividade.
Mas também pela ação da *dura-máter*.
Porque se vive em um tempo,
Que o mundo corrompe o homem.
Corrompe o filho e a filha.

O amor maior transforma-se
Em vontade de proteger o fruto
Através de ação mais dura
Na tentativa de se evitar
Os reveses da vida.

Transformam-se ensinamentos
E interdita os bons princípios,
Em dormência e rebeldia.
Frente aos apelos inclementes
Do fácil à revelia.

E se o filho(a) preto(a) for
A cor modifica o ato e a injúria,
O peso da lei e da justiça
Faz-se em maior rigor.
O libelo escrito solicita
Não cabe medida cautelar
Mas, sentença condenatória.

A intolerância deveria gerar
Crimes imprescritíveis e inafiançáveis,
Diante da maternidade
Mas há o domínio revestido de plenos poderes,
Sobre uma propriedade advinda
Da dupla face imposta à pele retinta.

Por isso, é tempo que a *dura-máter* precisa aflorar.
Para garantir que o seu rebento, não sirva de alimento
Às práticas capitais do muito ter e pouco ser,
Assim, a dureza do caráter materno
Impõe limites à descendência gerada
E lhe permite o florescer e o maturar.

O destaque dado à pele retinta é a diferença sobre a qual o racismo se apoia, confirmando a abordagem de Munanga e Gomes (2016) sobre uma possível superioridade buscada pelo racista. A resistência é proposta a partir do cuidado de mãe, buscando evitar as agruras com ensinamentos e tomada de consciência: “Assim, a dureza do caráter materno/ Impõe limites à descendência gerada/ E lhe permite o florescer e o maturar” (FIGUERÊDO, 2021, p. 35).

Ao compor reflexões sobre a formação do povo brasileiro, do passado ao presente, da história e do futuro que a partir dela se desenhou, o sujeito de enunciação lírico expõe a contradição da ideia de democracia racial, com o poema “A teoria da igualdade” (FIGUERÊDO, 2021, p. 30).

Fizeram-nos crer
Que existe igualdade entre os povos e etnias
Para uma nação que nasceu sob o prisma romântico
Tem-se uma visão idealizada convertida em bela alegoria.

Se o salário não é o mesmo
Se a oportunidade é vendida
Se a cor é critério de corte
Se a justiça está vestida

Bela ideologia
Que engessa sonhos e opiniões
Que produz os resultados esperados
Pelos chefes das nações

Que perverte o senso crítico
Através de ideário mirabolante

Empobrece as criativas
E as impede de ir adiante.

Postula-se possibilidades mil
Apresenta-se um mundo cor de rosa
Sob a amplidão do céu de anil,
Porém, caçam através da branquitude
Todas as forças da juventude.

E assim as mais jovens exaltadas
Cabem no pacote do controle
Pois, ainda não entenderam
Que há ursos camuflados,
Que é preciso sair da senzala.
Atravessar a casa grande
Para um lugar conquistar.

E não se tornar mercadoria barata
Nas mãos dos credores,
Duplicata arquivada com data marcada
De cobrança em horrores.

O poema permite observar o resultado da construção da identidade negra, conforme a noção proposta por Gomes (2007), em que os sujeitos, pertencentes ao mesmo grupo, expõem caracterizações, sobre si, a partir da relação com o outro, nesse caso um outro que está fora do grupo, em posição de superioridade impositiva: “é preciso sair da senzala./Atravessar a casa grande/ Para um lugar conquistar” (FIGUERÊDO, 2021, p. 30).

Ainda partindo das premissas epistemológicas em discussão neste texto, lançamos mão da obra *Sobre(vivências)* (2022), de Eliza Metzker, da qual nos remeteremos a dois poemas e, logo em seguida, um terceiro publicado em rede social da autora. Daremos início aos diálogos a partir do primeiro poema, “Resistências despadronizadas”, para, nele, identificarmos as assertivas.

Nesse poema, é possível perceber no verso que o inaugura a atribuição de culpabilidade em a autora dizer “tentar” despadronizar, uma vez que o termo utilizado nos remete às inúmeras imposições histórico-sociais que foram conferidas ao sujeito negro, sobretudo à necessidade de se encaixar aos padrões de uma sociedade embranquecida, cujo modelo europeizado não permite que negros e negras sejam reconhecidos. Em seguida, no quinto verso, essa problemática é ratificada quando a autora afirma que teve de mostrar seu valor, sendo relevado o fato de ter de prová-lo. Nesse instante, a consciência de si no bojo das estruturas sociais evidencia a noção de consciência, a qual envolve elementos desconhecidos, encobertos pelos quais a existência foi constituída. No entanto, ao evocar seu valor, a autora evoca

da memória seu lugar de inscrição, de emergência da “verdade” escondida, num movimento dialético de “consciência-exclusão e memória-inclusão” (GONZÁLEZ, 2020). Tal noção de memória-inclusão pode ser claramente visível no verso “Afinal, se eu reconhecesse minhas origens nada mais faria sentido para eles... Tudo faria sentido para mim”, ou seja, faz-se necessário conhecer/reconhecer o passado para legitimar e compreender o ato de existir no presente.

São admissíveis, também, as inferências das tensões criadas no poema mediante a atitude, com a tomada de consciência, da “desobediência” aos padrões, que a tornam assolada por carregar novos estereótipos no bojo da classe dominante, como demonstrado nos termos “delírio coletivo de desdém” e “Não temos juízo”, podendo ser observadas as premissas de serem sujeitos agitadores, desagradáveis, provocadores e dados à confusão.

Os indícios do impacto da democracia racial também são notadamente postos nas linhas poéticas, ao se remeter à “história que subjuga, aquela que faz de conta que estamos todos bem e que os nossos problemas são inventados”. A expressão “fazer de conta” imprime uma falsidade ideológico-social vigente, na qual o principal objetivo é escamotear as problemáticas referentes aos privilégios e desigualdades implementadas no curso do tempo em relação aos indivíduos negros, que, apesar de “libertos”, ainda continuam presos a imposições sociais que o diminuem ao *status quo* de desajuste social. Na sequência, os versos “A história que visa clarear cada vez mais os padrões que não me / Pertencem e que ‘escurece’ o poder que até então eu escondia / dentro do meu ser” dão continuidade à sistemática da democracia racial e o fenômeno branqueador da nação, no qual “o supremacismo branco maneja várias ferramentas de controle social do povo negro, inclusive uma constante lavagem cerebral visando entorpecer ou castrar sua capacidade de raciocínio” (NASCIMENTO, 2019, p. 45), ao relevar padrões divergentes do ser, uma vez que, na história do sujeito negro, a percepção de tal indivíduo ser vítima constante do racismo, que o exclui e o marginaliza, leva-o ao desejo de “branquear-se”, parecer o Outro, a fim de adequar-se e ser aceito, causando o *não-ser* em favor de *ser-pertencer* (GONZÁLEZ, 2020).

A luta pela libertação, pelo aquilombamento, é sempre demarcada de forma agonizante e cruel ao se remeter às palavras no poema: “Uma jornada marcada inúmeras vezes pelo sangue sagrado / no solo sofrido”. Nesse sentido, Abdias do Nascimento (2019, p. 289) esclarece que “precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e sua respectiva visão de futuro”, o que podemos verificar nos versos o sentido de mecanismos operativos de existência negra articulada em diversos níveis de vida coletiva negra. Dessa forma, ao apontar o reconhecimento do racismo pelo qual passou nos versos “Não fui o que eles queriam [quem sou hoje, jamais existiria] / Já que por um ‘descuido histórico’ a cor da minha pele foi esco- / lhida num sorteio racista / que cada vez mais adquire participantes”,

a denúncia legítima a necessidade do chamado à “liberdade”, esta no sentido de libertação existencial humana.

Passemos à apreciação do segundo poema, “Luto-ação”: as nuances significativas são delineadas a partir da angústia de problemáticas que assolaram (e ainda assolam) o sujeito negro veementemente, a saber:

LUTO-AÇÃO

Terrivelmente pequena
Vista por todos como a herança divina da qual precisam zelar
Inocentemente incapaz
“Você não pode subir em árvores”
Covardemente feroz
“Sente como uma moça, tenha modos!”
E constantemente se retrai, dia após dia
Cala a boca, o peito, os sonhos
e sua coragem é renegada pelos seus fiéis guardiões
Se comporta, não se conforma, mas na fôrma social é jogada
[devastada / dilacerada]
Submissa?
“Você tem idade suficiente”
Afinal, as ditas obrigações te chamam
Não há como fugir quando se é o que é
Mas quem somos nós?
Como se proteger desse fogo cruzado?
Se há sangue na porta de entrada do “lar doce lar” e o tapete do
“seja bem-vindo” carrega a poeira asquerosa da violência?
Há perigo em cada esquina e nós continuamos perdendo: tudo
se fechou e os sonhos...
Pequenos, porém ferozes (METZKER, 2022, p. 23).

Nesse poema, a cognição extraída dos primeiros versos demonstra claramente o fenômeno do branqueamento pelo viés psíquico autoral, no qual as memórias denunciam elementos de tentativa de ajuste aos “moldes” padrões da sociedade europeizada pelo fenômeno colonialista. Por processo psíquico branqueador, aqui, entendemos como

[...] a interiorização e sedimentação como censura de cada elemento identitário negado antes na cultura colonialista: da depreciação dos credos, a desagregação dos laços sociais originários, passando pela sistemática violência para a domesticação do corpo e da vontade até a descaracterização da própria cor (BOTTON; NASCIMENTO, 2021, p. 144).

A partir dessa premissa, a sistemática do recalque agressivo demonstrado nos versos é dotada de um sentimento de perda dos desejos pessoais em detrimento ao ajustamento social requerido por seus “guardiões”, ou seja, os progenitores e sua necessidade de resguardar suas proles das mazelas invisibilizadoras e marginalizantes da sociedade. É interessante pôr em relevo que se trata de uma infância não tão longínqua a este presente no qual se materializa este estudo, o que denuncia, ainda, a continuidade das tentativas de branqueamento como forma de genocídio de um povo (NASCIMENTO, 2016).

O recalque que agride a população negra, no curso do tempo, é denunciado nos elementos memorialísticos quando, em seus versos, a autora revela em *flashes* suas impressões de tais experiências ao confessar: “E constantemente se retrais, dia após dia / Cala a boca, o peito, os sonhos / sua coragem é renegada pelos seus fiéis guardiões / Se comporta, não se conforma, mas na fôrma social é jogada / [devastada / dilacerada]”. Como executora desse recalque, “a família [...] exerce um papel preponderante como propulsora ou não da ideologia do branqueamento, uma vez que famílias negras podem exercer a função de executora da internalização de tais ideias, projetando comportamentos político-sociais em seus membros [...]” (BOTTON; NASCIMENTO, 2021, p. 146).

Uma cadência narrativa da imposição da subjetividade consciência-memória se coloca no limiar do poema, materializando a natureza do ser negro na contemporaneidade, fator que eclode nos últimos versos do poema, através dos elementos enunciativos que o compõem, como “sangue”, “violência”, “continuamos”, “sonhos” e “ferozes”. Nessa cadência elementar, mais uma vez a assimilação do *não-ser*, em detrimento do *ser-pertencer*, se revela e vai tomando corpo na medida em que os elementos são dispostos paradoxalmente, tornando a movimentação do objeto acentuada em direção à reinterpretção da realidade e novos modos de atuação, numa relação de causa e (re)significação dos efeitos causados pelos aparatos racistas do branqueamento.

No terceiro poema, “Ei, Mainha”, inédito e publicado em sua rede social, a autora performa com expressividade as metáforas ali presentificadas:

EI, MAINHA!

Em outra poesia eu falo que não fui o que eles queriam
Eu digo que a liberdade, de verdade, agora iria cantar
E eu sei e concordo que liberdade é não ter medo, mas...
Quando eu de casa saía a senhora sempre me dizia:
Leva o documento e cuidado em cada beco.
Eu achava estranho todo esse rolê
E me perguntava o que lá fora eles seriam capazes de fazer?
O tempo foi passando, e eu fui crescendo e entendendo
Até que a resposta veio, no começo, disfarçada e quietinha

E lá estava ela: quando os meus colegas, sem identidade andavam
Mas... se eu perdesse a minha...
Era um perigo constante que me rodeava
Muito antes de eu entender o que se passava
Ei, mainha!
Lembro da senhora me puxando de canto
Passando os dedos em cada traço meu e aos prantos, falando:
“Tu é linda, minha filha. Não deixem que te mostrem o contrário”.
E na minha rua, ao brincar, via meninas como eu
A gente se reconhecia uma na outra
Mas tivemos nosso conto de fadas arrancado
E sem ter noção ainda, éramos nós contra o racismo e o patriarcado.
Mas mainha sempre me avisou sobre isso
Que luta não se resumiria a um esporte na TV
Luta já fazia parte do meu vocabulário bem antes
De balbuciar as primeiras palavras e pensar em dizer
Ei, mainha!
Lembro da sua voz embargada me aconselhando
A ser sempre a melhor, nunca passando por cima de ninguém
Mas me esforçando o dobro, o triplo... sempre mais
Pra que um dia, pra sociedade, eu fosse considerada capaz.
Fui avisada, alertada, protegida
Mas na prática... nossa, como dói.
Sim, mainha!
Meu cabelo black desarma e incomoda por onde passo
Minha pele preta prata reluz e incomoda por onde passo
Nunca foi tão difícil ser passada pra trás
E ter meu lugar questionado por estar na frente
O que é o topo? Se as nossas oportunidades são muito diferentes...
Os saberes que aprendi com as minhas mais velhas
Como a senhora, mainha
Eles tampam os ouvidos para não escutar
E é por isso que quando entrei na faculdade
Me perguntava: Será que aqui é meu lugar?
Pras minhas mais novas quero levar o legado das mulheres pretas da
minha vida
A senhora, mainha, foi a verdadeira rainha na arte de criar
Teceu colchas de retalho com todo cuidado e abdição
E eu? Primeira da família a entrar na faculdade
Escrever literatura e chegar à publicação!
Ei, mainha. Eu jamais esqueço de onde vim e onde quero chegar
Esse legado é nosso, feito por muitas mãos.
Tua bença e gratidão por me permitir te orgulhar (METZKER, 2022).

De forma impactante e evocando a figura da mãe, na singularidade regional do termo “mainha”, demarca idiossincrasias da construção pessoal de um lugar de fala, demonstrando uma linearidade com que os eventos ocorrem e as divergências das perspectivas existenciais a partir da tomada de consciência dos fatores de opressão social. No poema, os versos “Quando eu de casa saía a senhora sempre me dizia: / Leva o documento e cuidado em cada beco. / Eu achava estranho todo esse rolê” demonstram a situação de vulnerabilidade do indivíduo negro na sociedade, que o atribui a condição de marginal, pois corria (e ainda corre) o risco de a todo momento ser confundido com bandido por onde passa. A demonstração das “boas intenções” maternas, em desejar proteger sua prole das mazelas racistas e excludentes da engrenagem cidadina, revela o cuidado que a família sempre tinha, em desejar que seus filhos “parecessem” com o que era aceito, com o que não causava estranhamento (FANON, 2020), contudo as divergências factuais começam a fazer sentido nos questionamentos do indivíduo negro, o que podemos observar nos versos “O tempo foi passando, e eu fui crescendo e entendendo / Até que a resposta veio, no começo, disfarçada e quietinha / E lá estava ela: quando os meus colegas, sem identidade andavam / Mas... se eu perdesse a minha...”. Aqui, mais uma vez, os elementos da consciência retomam e legitimam experiências que substancializam a memória, dando aos elementos de dor as razões necessárias para a (re)afirmação e (re)significação de uma identidade outrora apagada e oprimida.

Mais adiante, a figura da mãe, e sua sapiência, serve de ponto de partida para a virada do quilombamento pessoal ao dizer “O que é o topo? Se as nossas oportunidades são muito diferentes... / Os saberes que aprendi com as minhas mais velhas / Como a senhora, mainha / Eles tampam os ouvidos para não escutar”, demonstrando a dialética entre passado e presente, na qual a tomada de consciência alicerça o desejo do *ser-pertencer* em sua diferença. A luta a leva a novos caminhos, cujas trilhas pedregosas não foram percorridas pela sua ancestralidade, mas a ela se revelou a abertura dos mesmos pelos caminhos duramente galgados por sua ancestralidade, suas mais velhas, agora ela se questiona a desconsideração pelo construto social de um saber tão relevante na construção de sua trajetória: “O que é o topo? Se as nossas oportunidades são muito diferentes... / Os saberes que aprendi com as minhas mais velhas Como a senhora, mainha Eles tampam os ouvidos para não escutar”. Em contrapartida, a valorização do lugar que agora ocupa é colocada em relevo na medida em que reconhece a contribuição de tais ensinamentos, da valorização dos saberes de sua ancestralidade nas palavras “E eu? Primeira da família a entrar na faculdade / Escrever literatura e chegar à publicação!”. Nesse sentido, o quilombismo “define o ser humano como o seu objeto e sujeito científico, dentro de uma concepção de mundo e de existência na qual a ciência constitui uma entre outras vias do conhecimento” (NASCIMENTO, 2016, p. 291), o que pode ser reconhecido no poema aqui em questão, no qual o franco processo de quilombamento autoral se constitui através da consciência

e da memória, convertendo sua própria vivência em seu objeto de conhecimento, além de atuação como sujeito científico.

Considerações finais

As análises poéticas aqui presentes buscaram identificar de que forma a sistemática do racismo e da democracia racial puderam ser questionadas a partir da representação da consciência e da memória de resistência das autoras Arolda Figuerêdo e Eliza Metzker, duas mulheres negras nascidas no interior da Bahia e que têm, na poesia, um importante suporte para a expressão de suas angústias e alegrias.

O aparato teórico, que permitiu fundamentar a análise, partiu das leituras dirigidas no decorrer das ações do Grupo de Estudos de Vida e Obra de Negros e Negras na Contemporaneidade – GEVONC, composto por pesquisadores vinculados à Universidade do Estado da Bahia. Os estudos permitiram a afirmação e significação, bem como suas releituras, da identidade negra, que persiste no enfrentamento do racismo, da busca pelo branqueamento e do engano da democracia racial. Tal identidade se firma a partir do processo de consciência e memória como estratégia de permanência num ambiente hostil vivenciado nos elementos sociopolíticos e culturais brasileiros.

Os poemas de Arolda Maria Figuerêdo e Eliza Metzker, imbricados de diversas representações metafóricas de cunho político-sociais, permitiram o reconhecimento da afirmação e ressignificação da identidade negra na contemporaneidade, o que pode ser identificado claramente nos seus versos e títulos. Desse modo, as epistemologias pós e decolonialistas, de autores como Francisco Bethencourt (2018), discutindo as teorias das raças concorrentes; Nilma L. Gomes (2007), abordando a construção do olhar de um grupo étnico-cultural; Lélia Gonzalez (2020), denunciando o encobrimento, a alienação e o esquecimento; Frantz Fanon (2020), salientando o “parecer ser” como fuga; Kabengele Munanga (2016), combatendo a crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores; e Abdias Nascimento (2016 e 2019), questionando as falsas benesses da democracia racial, colaboraram para o diálogo entre a teoria e a produção literária das autoras.

Dentre os principais elementos identificados no decorrer da pesquisa, destaca-se a presença de representações positivas, nas quais os negros e as negras que se presentificam nos poemas desempenham papéis político-sociais relevantes, em oposição ao que costumava ocorrer nos casos de representação negra na literatura nacional. Salienta-se que a ilustração negativa desses sujeitos reflete o passado e, em muitas situações, o presente, contaminados por diversas formas de violência.

Assim, o *corpus* principal do presente estudo, a saber, as publicações *Uma pitada de poesia de mulher* (2021), de Arolda Figuerêdo, e *Sobre(vivências)* (2022), de Eliza Metzker, configuram-se como ricos motes para suscitar as reflexões acerca das consequências do racismo, da importância da construção da consciência, dos

elementos constitutivos da vivência negra e da (re)significação de todos esses conceitos a partir da tradução poética dos sentimentos de suas autoras.

Em suma, as caravelenses autoras das produções poéticas, aqui analisadas, retrataram o seu reconhecimento de pertença, colaborando para a construção da identidade de seus leitores semelhantes, ao proporcionar a manutenção da memória a partir da divulgação de seus ideais materializados em saberes poéticos. O deixar de ser o que não interessa, o ser o que foi escolhido e o buscar ser o que se vislumbra são um frutífero legado que tais obras deixam para o mundo.

THE SYSTEMATIC OF RACISM AND RACIAL DEMOCRACY FROM THE CONSCIOUSNESS AND MEMORY OF RESISTANCE IN POEMS BY AROLDA FIGUERÊDO AND ELIZA METZKER

Abstract: *This research was based on studies and discussions in the Grupo de Estudos de Vida e Obra de Negros e Negras na Contemporaneidade – GEVONC, in which we reverberate the (re)affirmation and (re)signification of black identity in contemporary times from categorical perspectives on racism, whitening and racial democracy, considering the process of awareness and memory as propelling elements for overcoming this racism imbricated in the Brazilian sociopolitical and cultural experience. For this moment, we outline as the main objective to recognize how the affirmation and resignification of black identity in contemporary times is manifested in the metaphorical representations of the poems by Arolda Maria Figuerêdo and Eliza Metzker, in which they play relevant political and social roles, especially in city spaces. The research is bibliographic and qualitative, in which a case study was observed, through the analysis of narratives of episodes of an Afro-Brazilian experience, in dialogue with a bibliographic study of post and decolonialist epistemologies by authors such as Francisco Bethencourt (2018), Nilma L. Gomes (2007), Lélia Gonzalez (2020), Kabegle Munanga (2016) and Abdias Nascimento (2016 and 2019). Here, we consider that, despite the negative processes in which black subjects were placed as victims of various historical violence, it is possible to (re)affirm and (re)signify positive representations, in which black men and women play relevant political and social roles, especially in city spaces.*

Keywords: Racism; Conscience; Black Experience; (Re)signification.

Referências

- BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. Trad. Luís Oliveira Santos e João Quina Edições. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: UBU Editora, 2020.
- FIGUERÊDO, A. M. S. *Uma Pitada de Poesia de Mulher*. São Paulo: Lura Editorial, 2021. v. 200. 92 p.

GOMES, Nilma Lino. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?* In: BRASIL. *Educação como exercício de diversidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

GONZÁLEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Org. Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

METZKER, Eliza Maria da Silva. *Sobre(vivências)*. Maringá: Vizeu, 2022.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

NASCIMENTO, Aline Santos de Brito. Apresentação. In: FIGUERÊDO, A. M. S. *Uma pitada de poesia de mulher*. São Paulo: Lura Editorial, 2021. v. 200. 92 p.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 3 ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Juciene Silva de Sousa; BOTTON, J. B. *Que faço com minha cara negra?* *Revista Espaço Acadêmico*, 21(230), 142-153. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60362>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

Recebido em 11 de março de 2023

Aceito em 29 de abril de 2023